

4

Referenciais teóricos

Neste capítulo serão discutidos conceitos e características das modalidades de aprendizagem formal, não formal e informal, fundamentais para o entendimento desta pesquisa. Em seguida, alguns autores fazem um paralelo a partir dos significados de ambas as abordagens, mostrando que a delimitação entre elas não é claramente definida.

4.1 Aprendizagem formal

Libâneo (2007) descreve a educação formal como sendo estruturada, organizada, planejada intencionalmente e sistemática. Podemos citar como exemplo típico a educação escolar convencional (LIBÂNEO, 2007, p. 88). O autor chama a atenção para o fato de que este tipo de educação não ocorre somente nos limites das escolas, mas também nos ambientes onde haja ensino caracterizado pela intencionalidade, sistematização, condições previamente preparadas, ou seja, todos os atributos identificados de um trabalho pedagógico-didático realizado, mesmo que desenvolvido fora de um ambiente escolar típico (Ibidem, p. 89).

Folkestad (2006, p. 141) delimita os significados da aprendizagem formal, na qual a atividade é planejada, organizada e sequenciada previamente, além de conduzida por um professor ou por alguém que assuma semelhante papel. De maneira análoga, D'Amore *et al.* (2012, p. 9) circunscrevem de forma geral o ambiente de aprendizado formal como aquele ministrado por adultos em escolas, faculdades etc. Para Mak (2007), a educação formal está relacionada com instituições de ensino, desde escolas infantis e primárias até cursos de graduação e pós-graduação.

Podemos acrescentar que o termo “aprendizagem” pode ser entendido como sendo:

o domínio dos elementos constitutivos e das estruturas da linguagem musical, demonstrando através das habilidades de reprodução e criação (Independente do nível de criatividade) do emprego da técnica mínima requerida para o desempenho da prática musical desejada e do uso de códigos escritos, quando a prática de leitura e escrita for essencial para a realização musical (SANTOS, 1986, p. 15-16).

Tanto na abordagem formal, não formal ou informal podemos identificar que o processo de aprendizagem sempre estará relacionado à aquisição de conhecimentos musicais, sejam eles teóricos ou práticos.

4.2 Aprendizagem não formal

Como educação não formal, Libâneo (2007) circunscreve aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização e que apresentam relações pedagógicas não formalizadas. Como exemplos, o autor cita os movimentos sociais organizados, os trabalhos comunitários, os espaços urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação etc.). Na escola são as atividades extraescolares e os projetos de extensão que demandam conhecimentos complementares.

Para D'Amore *et al.* (2012, p. 9), o processo de aprendizado musical não formal é aquele caracterizado pela liderança de adultos em contextos comunitários. Mak (2007) relata que a aprendizagem não formal relaciona-se com escolas livres, grupos comunitários e outras organizações não governamentais (ONGs), abrangendo atividades educacionais altamente contextualizadas e participativas. Segundo Price (2012), a aprendizagem não formal se caracteriza por:

- Uma abordagem inclusiva para fazer música, reduzindo as barreiras de acesso (por exemplo, ao não fazer da notação musical um obstáculo a ser superado antes que um aluno possa tocar).
- A crença em atividades desenvolvidas em grupo, como a performance, audição, composição e improvisação;
- Um sentido de imediatismo e exploração;
- Uma oportunidade para o aprendizado tácito ou não formalmente expresso – a música sendo “aprendida” e não “ensinada” – os líderes musicais podem tocar muito e explicar muito pouco;

- Uma visão mais democrática da aprendizagem – utilizando as competências dentro do grupo através da aprendizagem entre pares, os professores demonstrando seus conhecimentos, estudantes e professores na coconstrução de conteúdos e objetivos para as sessões;
- Oportunidades para desenvolver habilidades não-cognitivas, como responsabilidade, empatia, apoio aos colegas, criatividade e improvisação para encontrar soluções (PRICE, 2012, p. 44-45).

4.3 Aprendizagem informal

Por educação informal, Libâneo (2007) entende ser este o termo mais adequado para indicar a modalidade de educação que resulta no “clima” em que os indivíduos vivem, envolvendo as influências provenientes dos grupos sociais e das relações socioculturais. Tais fatores ou elementos informais afetam e induzem a educação das pessoas de modo necessário e inevitável, porém não atuam deliberadamente, metodicamente, pois não há objetivos preestabelecidos conscientemente (LIBÂNEO, 2007, p. 89).

A partir de suas pesquisas sobre como os músicos populares ingleses aprendem a tocar, Green (2008, p. 10) organizou as características do aprendizado informal em cinco princípios fundamentais, a saber:

1. Geralmente começa com a música que os próprios aprendizes escolheram;
2. “O principal método de aquisição de habilidades envolve a cópia de gravações de ouvido” (o processo de “tirar músicas de ouvido”), a partir de uma referência de áudio;
3. O aprendizado acontece de maneira individual ou com amigos através do autoaprendizado, aprendizado dirigido por pares e aprendizado em grupo;
4. Habilidades e conhecimentos tendem a ser assimilados de forma confusa, aleatória, idiossincrática e holística – partindo do todo, e com exemplos musicais retirados do “mundo real”;
5. Envolve uma profunda integração entre escuta, performance, improvisação e composição em todo o processo de aprendizagem.

A partir das conclusões sobre seu trabalho, Green (2008, p. 4) conjecturou que tais práticas de aprendizagem poderiam:

- potencializar a motivação e aumentar uma gama de habilidades musicais [...];
- tornar a educação musical mais inclusiva para os alunos de todas as habilidades e procedências e de forma particular, atender aqueles que tiveram alguma dificuldade em relação ao ambiente formal [...];
- ser levados a ampliar a sua apreciação musical, tanto em relação ao que eles já conhecem, quanto ao que está além disto [...].

Utilizando as características do aprendizado informal identificadas, as conclusões sobre a aprendizagem e as possibilidades que esta abordagem pode oferecer, Green (2008) elaborou outro projeto no qual discutiu a adaptação e a aplicação destas práticas informais em escolas da Inglaterra, procurando avaliar a extensão e o possível benefício desta abordagem (p. 23). “A parte experimental do projeto ocorreu de 2002 a 2006 e envolveu 21 escolas secundárias, 32 professores e mais de 1500 alunos” (p. 14). Neste projeto, Green (2008) planejou sete estágios idealizados e concebidos como uma “abordagem de ensino e aprendizado” (p. 23), sendo que em cada estágio pelo menos duas das cinco características do aprendizado informal deveriam estar presentes. A saber:

Estágio 1: O coração do projeto – envolveu “deixar os alunos imersos nas práticas informais” pedindo-lhes que imitassem o mais próximo possível as práticas de aprendizagem da vida real dos jovens músicos populares iniciantes (GREEN, 2008, p. 25).

Estágio 2: Modelagem de aprendizagem auditiva com música popular. Envolveu uma música pré-selecionada, familiar para a maioria dos alunos e com uma multiplicidade de *riffs** curtos, em um CD pré-preparado e contando com o auxílio do professor de como usá-lo (GREEN, 2008, p. 25-26).

Estágio 3: A “Imersão” revisitada. Foi simplesmente uma repetição do estágio 1, com o objetivo de dar aos alunos a chance de desenvolverem as habilidades adquiridas e observarem em que medida este aprendizado aconteceu.

Estágio 4: Composição informal. Os alunos trabalham na própria composição. O objetivo era que eles elaborassem algo baseado naquilo que aprenderam na audição e cópia das músicas nos estágios anteriores (GREEN, 2008, p. 26).

Estágio 5: Modelagem de composição. Foi oferecido aos alunos um “modelo musical” de composição proveniente de um exemplo “real” da música popular. Isso foi feito através de um convite à uma banda (ou dupla) de fora da escola,

* De acordo com França (2012a), o termo “riff” refere-se “a um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade” (FRANÇA, 2012a, p. 74).

ou através da organização de uma demonstração de pares, da mesma faixa de idade, ou de idade próxima de alunos de dentro da escola (GREEN, 2008, p. 27).

Etapa 6: “Imersão” com música clássica. Foi pedido aos alunos para formarem pequenos grupos como antes. Eles receberam um CD com cinco faixas. A tarefa era ouvir as faixas, escolher uma delas e copiá-la de ouvido, como um grupo, usando os instrumentos de sua escolha e direcionando suas próprias estratégias de aprendizagem (GREEN, 2008, p. 151).

Etapa 7: Modelagem de aprendizagem auditiva com música clássica. Foi introduzido o aprendizado aural usando música que foi tirada do núcleo do repertório clássico padrão, e que na sua maioria não era familiar para os alunos e não era associada a propagandas (GREEN, 2008, p. 152).

A autora destaca que os tópicos do trabalho giraram em torno da importância de ouvir a voz dos jovens, considerando seus valores e sua cultura. Isto, por sua vez, envolve observar como eles aprendem, não necessariamente em instituições educacionais, mas especialmente quando eles estão desfrutando de aprendizagem de forma voluntária. Assim, talvez possamos trazer um pouco do “sabor” daquilo que seja prazeroso, juntamente com este aprendizado, para dentro da escola.

Na observação dos envolvidos numa situação de aprendizado informal, podemos apreciar como as características descritas acima acontecem de forma simultânea ou sequencial, podendo uma delas assumir uma importância momentânea, havendo, em seguida, uma troca de situações. Assim, o objetivo desta pesquisa é entender, da melhor forma possível, as características presentes na aprendizagem informal, sua aplicabilidade em um contexto de uma escola pública, tendo como referência principal o trabalho de Green (2008) juntamente com os demais trabalhos que observaram a adaptação destas práticas em outros contextos*.

4.4 Semelhanças e diferenças entre as modalidades de aprendizagem

Folkestad (2006) apresenta uma peculiaridade entre as formas de aprendizagem formal e informal no que diz respeito à intencionalidade dos praticantes: Onde está o foco dos participantes, de acordo com suas intenções, durante o processo de desenvolvimento atividade? Na situação de aprendizagem formal, “o

* D’Amore, 2012; Feichas, 2006, 2010; Finney; Philpott, 2010; Green, 2008; Grossi; Martínez, 2011; Georgii-Hermming; Westvall, 2010; Jaffurs, 2004; Karlsen, 2010; Narita, 2014; Rodrigues, 2007; Wright; Kanelopoulos, 2010; Vedana; Soares; Finck, 2011.

propósito de ambos os atores, professor e alunos são direcionados para aprender a tocar música (aprender a fazer música), enquanto que na prática da aprendizagem informal esta intenção está voltada para a reprodução de música (fazer música)” (FOLKESTAD, 2006, p. 138).

A partir de uma revisão de literatura, Folkestad (2006) identificou quatro maneiras diferentes na utilização e definição dos termos: aprendizagem formal e informal, explícita ou implícita respectivamente, cada uma com foco em diferentes aspectos da aprendizagem:

1. A situação: onde é que a aprendizagem acontece? Isto é, formal e informal é usado como uma maneira de apontar o contexto físico em que a aprendizagem tem lugar: configurações dentro ou fora de instituições, como escolas. Por exemplo, ‘músicos treinados formalmente e informalmente’, e a este respeito, entende-se por treinados dentro e fora da escola;
2. O estilo de aprendizagem: como uma maneira de descrever o caráter, a natureza e a qualidade do processo de aprendizagem. A este respeito, expressões como ‘músicos, formal ou informalmente educados’ referem-se a aprender a tocar através da partitura ou de ouvido;
3. A propriedade: quem “possui” as decisões da atividade; o que fazer além de como, onde e quando? Esta definição se concentra no ensino didático contra a aprendizagem aberta e autorregulada;
4. Intencionalidade: Para qual objetivo a atenção e o foco são direcionados: para aprender a tocar ou na direção do ato de tocar? Dentro de um modelo pedagógico ou modelo musical? (FOLKESTAD, 2006, p. 141-142).

Aqui podemos fazer algumas ressalvas, pois a aprendizagem informal pode acontecer em um ambiente formal, por exemplo, durante um intervalo de aulas no qual os alunos se propõem a tocar ou a trocar ideias sobre algum aspecto prático do instrumento. Como professor da Escola de Música da UEMG, presenciei várias vezes esses encontros no pátio e/ou nos corredores da escola, onde os alunos, independentemente do instrumento que tocavam, trocavam informações ou simplesmente tocavam e cantavam para seu divertimento. Houve também situações de reunião de alunos numa sala vaga com um piano disponível para, assim, realizarem as mesmas atividades.

Folkestad (2006) ressalta que a aprendizagem e a situação em que ela acontece podem ser tanto formais como informais, mas, em relação ao ensino, o autor esclarece que esta aprendizagem nunca pode ser realizada utilizando “métodos de ensino informais” (Ibidem, p. 143).

Ensinar é sempre ensinar, e nesse sentido sempre formal. Assim que alguém ensina, logo que alguém assume o papel de ser um professor, então é uma situação formal de aprendizagem. Mesmo que não tenha uma estrutura – essa é a estrutura. No entanto, os professores poderão criar situações de aprendizagem nas quais possam utilizar processos de aprendizagem informal (FOLKESTAD, 2006, p. 143).

Johansen (2014, p. 81) argumenta que o ensino pode ser realizado de maneira informal exemplificando:

Quando alguém dá conselhos – sugere formas de tentar resolver um problema musical, digamos, um ensaio de banda de garagem, ensaio de música de câmara ou conversas conjuntas em uma comunidade de Internet; Pode ser concebido como um ensino. Observe que isso não transforma a situação em formal apenas em virtude desse tipo de ensino, mas sim, concebe o ensino como informal.

O autor conclui sugerindo que o professor informal pode ser considerado como um extremo de um pólo, sendo que, no outro extremo, situa-se o professor formal. Entre essas duas referências há várias possibilidades de combinações, por exemplo, quando um professor instrumental de uma academia “torna-se um professor remoto de estudantes que praticam seus instrumentos entre suas aulas, um ídolo em uma música gravada e copiada por uma típica banda de garagem ou um instrutor em um vídeo tutorial na Internet” (JOHANSEN, 2014, p. 81). Devemos considerar tanto a aprendizagem quanto o ensino nas esferas formais e informais de forma mais ampla e não restritos apenas ao local, aos seus praticantes, seu material ou ao tipo de aprendizagem praticado.

Wright (2016) elaborou um gráfico no qual podemos entender melhor como as quatro categorias concebidas por Folkestad (2006) acontecem numa “situação de aprendizado na vida real” (p. 211). Neste esquema, podemos visualizar as setas apontadas para baixo em todas as categorias, como um controle único vertical e deslizante, podendo-se mover para qualquer um dos lados. Este controle pode situar-se totalmente à esquerda, indicando as características de uma aprendizagem formal, ou totalmente à direita, sendo, neste caso, a aprendizagem informal. O que podemos destacar é que, a partir deste gráfico, podemos vislumbrar a possibilidade de variadas combinações entre as duas modalidades de aprendizagem. Por exemplo, se as setas estiverem no meio, elas indicam uma mistura equilibrada nas duas abordagens. Consequentemente, as situações de aprendizado podem estar mais à direita ou mais à esquerda, mostrando a predominância da adoção de uma abordagem sobre a outra em um determinado momento.

Figura 1 – Possibilidades de combinações entre as modalidades de aprendizado formal e informal (WRIGHT, 2016, p. 211).

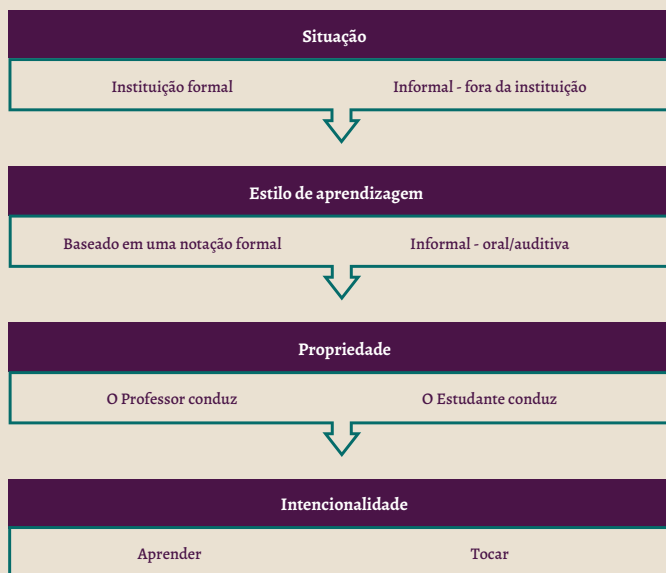
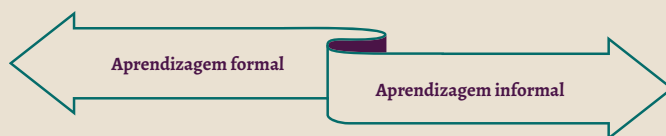


Figura 2 – Possíveis direções e combinações para a aprendizagem numa situação real (WRIGHT, 2016, p. 211).



Na figura acima, podemos compreender o sentido das possibilidades de combinações proposto por Wright (2016, p. 211) salientando que, desta forma, “pode-se capturar a realidade confusa da aprendizagem da vida real mais eficazmente do que a ideia de um único ‘continuum’”. No quadro acima e no gráfico de setas, “o aprendizado está entrando e saindo constantemente de modos formais e informais” (Ibidem, p. 211).

A respeito dos estilos, verificamos que a aprendizagem formal, pelo fato de ser previamente planejada a partir de estudos e concepções sobre o ensino, pode apresentar uma maior organização e elaboração do material a ser aprendido, o que não acontece na informal, já que, geralmente, este material é desconectado, fazendo com que a aprendizagem aconteça de outra forma, cabendo ao praticante a conscientização sobre as possíveis conexões entre as informações aprendidas. Por exemplo: um músico popular experiente, que toca apenas de ouvido, consegue perfeitamente fazer associação entre notas e acordes, provavelmente devido à sua construção particular da relação destes significados. Ele consegue harmonizar, “re-harmonizar”, elaborar solos nas músicas e tocar normalmente. Ele aprendeu as mesmas coisas, mas através de um “caminho” diferente.

Mak (2007) destaca algumas características básicas que podem delimitar, ainda que genericamente, as diferenças entre as formas de aprendizado formal, não formal e informal. Os tipos de aprendizagem dentro destes contextos podem ser intencionais (aprendizagem que conta com um objetivo) ou aprendizagem incidental (como produto do “fazer” automático). Os resultados podem ser explícitos (quando o aluno está consciente deste processo de aquisição de conhecimento e pode verbalizar o que ele aprendeu) ou implícitos (quando o aluno atua adequadamente na situação que se encontra, sem ser capaz de explicar por que e como) (MAK, 2007, p. 12).

O autor salienta que a aprendizagem formal, não formal e informal lidam principalmente com a questão de quem controla o processo de aprendizagem – o professor, o aluno ou ambos – e, em menor grau, com a questão do tipo de ambiente onde esta aprendizagem ocorre – no exterior ou dentro do conservatório ou escola.

O autor explora os vários contextos de aprendizagem (no conservatório, num local de trabalho ou de aprendizagem iniciada de forma independente) que são relevantes para a formação de músicos profissionais como aprendizes permanentes. Ele elaborou conceitos relativos aos contextos de aprendizagem levando em consideração suas definições e abordagens de ensino, além dos resultados obtidos. É dada especial atenção aos tipos de processos e resultados que acontecem dentro destes vários contextos (MAK, 2007, p. 11).

Através da tabela a seguir, podemos visualizar e comparar as principais características dos tipos de aprendizagem listadas por Mak (2007):

Tabela 1 – Comparação dos processos de aprendizagem de acordo com Mak (2007).

Aprendizagem	Formal	Não formal	Informal
Características			
Contexto	Ocorre dentro de um contexto organizado e estruturado (dentro do conservatório), que é expressamente designado como de aprendizagem.	É altamente contextualizada, destinado a servir clientela de aprendizagem identificáveis e com objetivos específicos.	Uma variedade de abordagens para a aquisição de habilidades musicais e conhecimentos fora de contextos educativos formais (GREEN, 2002 <i>apud</i> MAK, 2007, p. 4).
Lugar	Dentro das escolas de música, como conservatórios e cursos universitários.	Refere-se a qualquer atividade educativa organizada que tem lugar fora do sistema de ensino formal estabelecido. Ex: escolas livres de música.	Fora das escolas (principalmente); em casa; na vizinhança, igrejas, comunidades etc.
Curriculo	É vinculada a um currículo, conduzido pelo professor: “o quê” e “como” aprender e ensinar são previamente determinados.	Baseia-se num currículo que é feito sob medida e adaptado às necessidades de um grupo de alunos; o currículo é flexível, significando que a sua estrutura não é linear e nem de baixo para cima.	Não é baseada em um currículo: o aprendizado não é estruturado em termos de objetivos de aprendizagem formalmente descritos.
Tarefas	Espera que os alunos executem a tarefa dada, independentemente do valor que os mesmos atribuem à tarefa, bem como sua motivação ou interesse.	Pode ser caracterizada como “aprender fazendo” e “aprendizagem no trabalho”.	É majoritariamente incorporada em um contexto social, o que significa que os sinais sociais são altamente relevantes e que os estudantes se envolvem em atividades de aprendizagem cooperativa.
Tipo de aprendizagem	Refere-se à aprendizagem intencional e conhecimento explícito (conhecimento que pode ser verbalizado e habilidades que podem ser demonstradas, se solicitados). A aprendizagem incidental e conhecimento implícito (resultados de aprendizagem não intencional) não são formalmente reconhecidos.	Depende fortemente da reflexão (“da” e “na” ação) estimulada e/ou promovida por um especialista na área.	É descrita como voluntária, autodescoberta ativa, autodeterminada, aberta, não ameaçadora, agradável e exploratória; é mais qualitativa do que quantitativa; mais do que o produto-orientado; mais sintética do que analítica; e mais fluxo-dirigida e orientada para o processo.

Aprendizagem	Formal	Não formal	Informal
Características			
Professor/ Aluno	Refere-se ao professor como onisciente e estudantes como pessoas sem conhecimento.	Professor ou especialista atua como um mentor: ajuda os estudantes/aprendizes a transformar a experiência em conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e convicções; em primeiro lugar, os professores têm que ser bons profissionais reflexivos.	Não há a figura específica do professor. É dirigida e mediada por pares que, muitas vezes, compartilham os mesmos valores, interesses e crenças. Quando os praticantes trocam ideias, um assume o lugar de instrutor, mostrando como fazer, e outro assume o lugar de aprendiz. Isso acontece na maioria das vezes de forma inconsciente.
Aquisição de competências	Visa aquisição de competências musicais relevantes, que são específicas e importantes para a atuação como músico profissional.	O treinamento é a tática de ensino dominante.	Refere-se a uma série de processos autorregulados de forma espontânea, como a aprendizagem, autoiniciação e automonitorização da sua evolução.
Estudos	Do elementar ao nível universitário e, posteriormente, de estudos de pós-graduação, incluindo suas especializações.	A reflexão é um meio poderoso para aprender com a experiência, tornar explícito o que é adquirido implicitamente, para transformar experiências em conhecimento, habilidades, atitudes, emoções, crenças e sentidos.	Prática de acordo com a intenção ou propósito de aprender ou exercitar algo.
Materiais utilizados	Livros e métodos elaborados para o aprendizado do conteúdo lecionado.	Livros e métodos específicos para o aprendizado de tópicos abordados.	Utiliza objetos (realistas), materiais ou configurações que são altamente contextualizados. Copiar músicas de ouvido, tentando tocar; cifras; aprendendo com pares e parentes; buscando informações de como tocar na Internet.
Ciclos	Está estruturada em ciclos ou períodos e possui pré-requisitos como testes e provas para a sequência dos estudos.	Pode estar estruturada em ciclos, mas o aluno pode ficar num mesmo ciclo dependendo da sua vontade ou capacidade. Geralmente não há reprovação.	É sem pressa, obedece a um ritmo próprio e é aberta com relativamente poucas restrições de tempo.

Aprendizagem	Formal	Não formal	Informal
Características			
Título	É certificada e leva a um reconhecimento formal.	Pode oferecer certificados com a descrição da quantidade de horas/aula frequentadas, mas que não possui reconhecimento formal.	Não possui título.
Acesso	Requer competências específicas para o acesso dos alunos. Ex: Vestibular.	Entrevistas ou, em alguns casos, testes específicos para o acesso, devido à grande procura por vagas numa determinada escola.	Nenhum pré-requisito.
Avaliação	Avaliação está relacionada à aprendizagem intencional e conhecimento explícito. Presença de testes, provas e avaliações que são transformadas em notas ou conceitos e que são determinantes para o progresso no curso. Possui reprovação.	É promovida pela avaliação dos professores ou especialistas; autoavaliação e avaliação pelos pares. Geralmente não possui reprovação.	Não é obrigatória, carece de testes individuais ou procedimento de avaliação, mas é baseada num tipo coletivo e informal de apreciação ou autoavaliação, com base no <i>feedback</i> de instrutores e/ou pares.

De acordo com Libâneo (2007), o caráter não intencional e não institucionalizado da educação informal não diminui a importância da influência do meio ambiente e das relações sociais na construção e formação dos hábitos, capacidades e faculdades de pensar e agir do homem, e, conseqüentemente, do seu processo de aprendizado. “A ênfase que muitos educadores têm dado a essa modalidade de educação tem contribuído especialmente para a compreensão da totalidade dos processos educativos, para além da dualidade docente-discente” (LIBÂNEO, 2007, p. 89). Na verdade, a educação informal acontece conjuntamente com as modalidades de educação formal e não formal, através de contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, construindo um ambiente com efeitos educativos. O autor destaca que estes efeitos não são frutos de atos conscientemente intencionais, não se realizam em instâncias claramente institucionalizadas, nem são dirigidos por sujeitos determináveis (Ibidem, p. 89).

De acordo com Libâneo (2007), é preciso superar as duas visões do sistema educativo: “uma, que reduz à escolarização, outra que quer sacrificar a escola

ou minimizá-la em favor de formas alternativas de educação” (Ibidem, p. 89). Na verdade, é preciso ver os tipos de educação formal, informal e não formal, como modalidades que possuem uma relação entre si. A escola não pode simplesmente fechar os olhos e ignorar seus vínculos com a educação informal e não formal; por outro lado, precisamos cada vez mais dos processos escolares para desenvolver uma postura consciente, criativa e crítica ante os mecanismos de educação informal e não formal. “Sem levar em conta esta interpenetração, corremos o risco de cair em posições sectárias que contribuem para a divisão da ação dos educadores. Nem negação da escola, nem isolamento da escola em relação à vida social” (LIBÂNEO, 2007, p. 89-90). Esta ideia pode ser aplicada à música, mesmo que Libâneo (2007) esteja comentando sobre a educação de uma forma geral.

Pudemos observar, dentre as definições e paralelos mostrados, que as abordagens formal e informal fazem parte de dois extremos, por apresentarem características distintas. Mesmo apresentando tantas diferenças e corroborando com o pensamento de Libâneo (2007), podemos sugerir que tais abordagens possam ser aplicadas de uma forma complementar (WRIGHT, 2008a). Mesmo a autora destacando os aspectos da aprendizagem informal que podem ser utilizados na aprendizagem formal, alguns aspectos do ensino formal possivelmente podem auxiliar no aprendizado informal. Por exemplo, através da prática musical informal pode-se estimular o interesse pelo aprendizado de tópicos relacionados à teoria musical. Desta forma, o aluno poderá, caso queira, buscar o entendimento sobre os assuntos relacionados àquela música que ele está aprendendo ou tocando ou sobre algum estilo musical de sua preferência. Neste sentido, a aprendizagem não formal mostra-se como uma alternativa viável, pois apresenta características de ambas as abordagens formal e informal dependendo, obviamente, do contexto no qual ela poderá ser inserida.